

Mentirosos amadores, e a síndrome do cretinismo

Rogério Sganzerla

Especial para o JBr

O festival de Brasília submerge sob a síndrome de cretinismo.

Melancólico e sem graça, **O mentiroso** (longa metragem exibido ontem), é besteiro do pior tipo. Já não se pode falar em falta de talento; mas de doença, mesmo. Difícil suportar algo pior, onde quase tudo está errado... A certa altura do desperdício, um dos engraçadinhos desabafa: "Não sou o único incompetente aqui dentro". Toda regra tem exceção: além de Sergio Mamberti (em vários papéis) salvam-se da empreitada o músico, o fotógrafo e a montadora. E há uma atriz nata, no papel de Kátia: O resto é paisagem. Aliás, belas paisagens comprometidas pela desastrada confusão provocada por mentirosos amadores. De qualquer forma, alguém já disse: "A verdade vence a violência das facções e a beleza dos opressores". De saída, podemos tirar uma lição prática: essa fita é filha do autoritarismo e das cartas marcadas durante a gestão kafkiana de um profissional mentiroso. Revela o problema central da desventura fílmica no Brasil: falta-lhe es-

trutura de direção (e não de produção) dentro de um espantoso primarismo financiado pelo Estado de coisas ex-nossas...

Além de chato e pedante, o resultado é inconscientemente um libelo contra sua própria razão de ser: a ignorância consegue ser mais lamentável do que a pobreza material. Pobre de espírito do início ao fim, consegue incomodar o mais tranqüilo dos espectadores. A escassez de neurônios não faz jus ao magnífico repertório de um dos estados mais interessantes de nosso país, regredindo o veículo ao mais inaceitável primarismo. Mais um caso clínico e um anti-exemplo do que não se deve nem se pode fazer com a película, paisagens e objetos nas mãos de quem não tem nada na cabeça nem sabe como exprimir a sua afasia, o despreparo e a inconsequência... A falta de rumos em um pretensão "road-movie" (chose de loque, crente que está abafando) obtém a total rarefação de oxigênio. Não se pode falar de equívoco mas de conversa para boi dormir. Pobres dos animais sem roupa, não merecem a comparação com o melancólico desenrolar de equívocos. A quem computar a responsabilidade de desperdício a não ser à burocracia asnocrática?

Enfim, o cinema é uma questão



O Mentiroso, de Werner Schunemann: filho do autoritarismo

Divulgação

ética, instrumento de libertação poética, forma de aprimoramento progressivo ou registro do pensamento unificado na tela, sob o controle de um ser responsável pelo seu trabalho. O olhar atento sobre o real não pode ser resultado de moda ou medo (moedas falsas sujam e comprometem a moeda boa). A única saída é o desbloqueio de recursos frequentemente postos fora de alcance de criadores, mas jogados fora...

Necessário instrumentalizar o potencial criativo de nosso cinema. Levantar o nível e salvar o veículo, retirando-o do obscuro pantanal a que foi relegado por ação ou omissão de alguns intolerantes servidores da bajulação oficiosa.

Certos embustes só acontecem no Brasil, aumentando o pungente anedotário que agora faz noventa anos. Para quê? Para concluir, vale a pena lembrar o mestre Mauro de 1943: "O cinema brasileiro não está em crise. Em crise está o país (de contrastes cada vez mais insuportáveis há muito tempo — do qual o cinema é apenas um capítulo)". Um capítulo do qual as autoridades não perceberam a importância; para o veículo ainda haverá salvação?

☐ **Mais Festival de Cinema nas páginas 3, 7, 8 e 9**